

Imagens não só ilustram, palavras não só descrevem: leitura e efeitos de sentido na tessitura verbo-imagética

Images not only illustrate, words not only describe: reading and meaning effects on verbal-pictorial texts

Marluza T. da Rosa*

RESUMO: Este artigo aborda a leitura de textos que contemplam os registros verbal e imagético, a fim de possibilitar a reflexão sobre o modo como se constroem, linguística e discursivamente, representações sobre o outro/estrangeiro no cenário atual de deslocamentos e de fronteiras entre línguas-culturas. Com esse propósito, analisaremos uma fotografia e três charges, amplamente divulgadas nas mídias digitais, cuja temática é o fluxo migratório em direção ao continente europeu nos últimos anos. O viés teórico-conceitual dos estudos discursivo-desconstrutivistas permite-nos compreender que o funcionamento dessa tessitura se atrela não apenas a um imaginário cultural e historicamente construído, mas também às memórias visual e discursiva. Relacionamos a problemática em questão aos desafios que constituem o ensino-aprendizagem da leitura, por entendermos que, cada vez mais, ler imagens é uma exigência contemporânea, uma vez que estas atuam de forma predominante na constituição de sentidos e em nossa constituição como sujeitos atravessados pela linguagem e pelo discurso. A partir da análise realizada, entendemos que a tessitura verbo-imagética não se resume ao aspecto ilustrativo ou descritivo, mas consiste em uma possibilidade de abertura linguística a um campo potencial de sentidos e de discursos nos quais se produzem as subjetividades.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Leitura. Imagem. Charges. Charlie Hebdo.

ABSTRACT: This article draws attention to the reading process of texts that deal with verbal and nonverbal (pictorial) language to examine, in the current scenario of displacement among languages-cultures, how representations of the foreigner are linguistically and discursively constructed. For this purpose, we analyze one photograph and three cartoons, widely spread in digital media, whose subject is the contemporary migratory paths towards the European continent. From the theoretical perspective of discursive-deconstructivist studies, we understand that these texts are grounded not only on representations that are culturally and historically constructed, but also on the visual and discursive memories. Our discussion aims to contribute on the reading teaching/learning process, since nowadays we are increasingly required to read images, which act predominantly in the constitution of meanings and in our constitution as subjects affected by the language and the discourse. The analysis suggests that verbal-pictorial texts do not work as an illustration or description, but as a way to extend the language in a potential field of meanings and discourses that produce subjectivities.

KEYWORDS: Discourse. Reading. Image. Cartoons. Charlie Hebdo.

* Doutora em Linguística Aplicada e Pós-Doutoranda (PNPD/CAPES) no Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP).

1. Introdução

As questões que envolvem a leitura de imagens ou de textos que compreendem os registros escrito e pictórico, como fotografias, desenhos, charges e histórias em quadrinhos, por exemplo, têm despertado o interesse de pesquisadores em diferentes frentes teórico-analíticas, notadamente no campo dos estudos do discurso (POSSENTI, 1998; BARONAS, 2009) e na relação com o ensino (MOTA, 2010; RIBEIRO; SARGENTINI, 2015). A trajetória que traçamos aqui propõe-se a abordar essa problemática a partir do âmbito da Linguística Aplicada e busca no viés discursivo-desconstrutivista (CORACINI, 2009, 2010) o amparo para a compreensão dos textos verbo-imagéticos em sua relação com o campo do olhar, ligado aos registros do Imaginário (domínio das representações, das ficções, das “teorias” que utilizamos para explicar o mundo), do Simbólico (domínio da linguagem e da relação com o Outro, o inconsciente, que se estrutura como uma linguagem) e do Real (inatingível, não-totalizável, o que falha), tal como formulados por Lacan (2009). A proposta busca não só explorar as contribuições que a abordagem desse objeto de estudos pode proporcionar no âmbito teórico, acerca de noções como as de leitura e texto, mas também, e principalmente, potencializar uma (re)leitura do momento sócio-histórico-cultural no qual nos inserimos e (nos) significamos.

Ao assumir esse desafio, este trabalho insere-se no cenário mais amplo de problematização e de compreensão da sociedade contemporânea, vista como regulada por uma primazia da imagem. Efetivamente, em *O mundo-imagem*, Sontag (2004), ao reler Feuerbach, permite-nos afirmar não apenas que nossa sociedade produz e consome imagens, mas também que estas se nos tornam indispensáveis, pois têm o poder de determinar nossa realidade. Mais pontualmente, quando trazidas para as aulas de línguas, por exemplo, as imagens, construídas na relação entre o linguístico e o discursivo, podem potencializar o questionamento de ordens de discurso estabelecidas em sua suposta evidência, bem como representações de si e do outro, constitutivas das subjetividades.

Neste estudo, analisaremos três charges, cuja temática é o fluxo migratório atual em direção ao continente europeu, assinadas pelo cartunista Riss, originalmente publicadas em língua francesa no periódico satírico *Charlie Hebdo*. Amplamente difundidos em meio digital, os referidos textos relacionam-se, interdiscursivamente, a uma série de outros textos e eventos, sintetizados, em setembro de 2015, em uma fotografia impactante e já considerada histórica, realizada pela fotógrafa turca Nilufer Demir: a imagem do menino sírio Aylan, encontrado morto em uma praia da Turquia. A partir da análise dessa imagem e das três charges que a

releem, buscaremos refletir sobre os possíveis efeitos de sentido, desencadeados pela leitura de imagens, sobre o imaginário compartilhado acerca do outro/estrangeiro que, conseqüentemente, influencia nas representações que construímos sobre nós mesmos, bem como sobre suas implicações no ensino da leitura e na constituição subjetiva contemporaneamente.

Nosso interesse por textos dessa ordem é movido não apenas pela recorrência com que essas materialidades se fazem ver, principalmente, na mídia, com a qual nos relacionamos o tempo inteiro, mas também pelo fato de que as imagens nos desestabilizam, convidam-nos a olhar, a suportar o olhar, a nos mobilizar, a (re)agir; causam raiva, comoção, indignação, adesão. Em suma, as imagens demandam interpretação. Por se tratar de textos que nos chegam diariamente e medeiam, pelo olhar, nossa relação com o mundo, acreditamos na importância de refletir não só sobre o modo como os lemos, mas também como nos atravessam e nos constituem, pois partimos do pressuposto de que as subjetividades não consistem em um dado *a priori*, mas no efeito de um complexo processo de produção.

2. Um olhar sobre as imagens

Não podemos tratar das textualidades, tramas, tessituras que envolvem o registro imagético sem considerá-las, em sua historicidade, em uma relação de forças, intrinsecamente relacionadas às diferentes línguas-culturas nas quais exercem papéis determinantes. É certo que, desde as primeiras gravuras traçadas em paredes de grutas – marcas que lemos, hoje, como figuras, sem termos, de fato, a dimensão do que significavam quando foram grafadas –, até as imagens que recebemos diariamente em nossos dispositivos móveis, muitas transformações aconteceram, assim como se transformou, também, o que se compreende por humanidade, por história e por cultura. No que tange às subjetividades, a própria noção de sujeito se instaura e se modifica, “resultante de um longo e tortuoso processo de modelagem e de remodelagem, historicamente regulado” (BIRMAN, 2000, p. 81). É inevitável, portanto, que toda leitura – não apenas a de imagens –, assim como toda forma de subjetivação, seja parcial, enviesada, determinada por uma dentre as muitas formas possíveis em um dado momento histórico-social.

Apesar de todas as mudanças, alguns sentidos ou efeitos de sentido se estabilizam no decorrer do tempo, são solidificados por essa mesma história, pela relação entre línguas e culturas (CORACINI, 2009). Prova disso são as imagens que produzimos acerca de nós e dos outros, de seus corpos e de nossos corpos, do modo como devemos, ou não, olhá-los, mostrá-los, tocá-los, de sua e de nossa língua; língua que é, também e antes de tudo, corpo:

espacialidade em constante relação de forças com outros corpos/línguas. É no diálogo e no confronto com esses sentidos estáveis, com já-ditos e já-mostrados, histórica e culturalmente construídos, que lemos/interpretamos, produzimos outros sentidos e somos, também, produzidos.

Na esteira dos estudos discursivo-desconstrutivistas que aqui mobilizamos, compreendemos que língua e cultura se imbricam (CORACINI, 2009), de modo que não se pode conceber (tampouco ensinar) uma sem a outra. Não tratamos, porém, de *uma* língua enquanto bloco homogêneo que comportaria ou representaria *uma* cultura também estanque, mas de processos, de múltiplas e microculturas, que produzem efeitos de sentido sempre diferentes e, por vezes, contraditórios. Se é na relação com a língua-cultura do outro, dita estranha/estrangeira, que os equívocos, contrassensos ou não-sentidos se manifestam de forma mais contundente, isso não implica sua inexistência na relação com a chamada língua materna, como já exploraram Coracini (2007) e Eckert-Hoff (2010), pois a língua materna pode nos ser tão estranha/estrangeira quanto a língua estrangeira pode nos ser familiar.

No que concerne à tessitura verbo-imagética, consideramos, aqui, que falar/aprender uma língua envolve uma inscrição do corpo próprio no corpo dessa língua-cultura, a qual é preñe de imagens, de representações, de gestos que passarão a constituir o sujeito que aí (se) significa. Além disso, não podemos nos esquecer de que o que temos, no primeiro contato com uma língua-cultura desconhecida, são também (e apenas) imagens, representações (mais ou menos estereotipadas) do outro. Na escrita, as próprias letras e palavras se nos apresentam como imagens, figuras com as quais, pouco a pouco, produzimos sentidos; são “palavras-imagens” e “imagens-palavras”, nos termos de Derrida (2012, p. 99), que nos capturam pelo olhar, o qual é, por sua vez, também capturante, estruturante, unificador, pois tende a ordenar em um todo os recortes com os quais, sempre e inevitavelmente, deparamo-nos.

Neste trabalho, definimos como núcleo de problematização, as imagens dos corpos que são vistos como estranhos-estrangeiros (FREUD, 1976; KRISTEVA, 1994) a uma ordem de discurso já-dada (FOUCAULT, 2001), a um modo de pensar e agir em sociedade já instituído; corpos intrusos, portanto, corpos em trânsito e sem lugar, sobre os quais se exercem e se materializam relações de poder (FOUCAULT, 2010), como tem registrado frequentemente o fotojornalismo atual. Assim o fazemos, por entendermos que é impossível pensar no aprendizado de qualquer língua-cultura sem que se considere a abertura ao outro (GLISSANT, 2005), sem que se mobilize a alteridade que também nos constitui, sem que se possa tornar-se

estrangeiro a si mesmo (KRISTEVA, 1994) e, assim, talvez, compreender o outro para além de um corpo estranho que ocupa nosso espaço.

Em uma primeira visada sobre a tessitura verbo-imagética, somos levados a crer na possibilidade de existência de uma linguagem universal, transparente (que poderia ser interpretada da mesma forma por qualquer um, falante de qualquer língua, em qualquer espaço-tempo) e inquestionável, visto que uma fotografia, por exemplo, poderia ser usada como prova, tamanha seria sua verossimilhança. Mais do que uma interpretação, como argumenta Sontag (2004), a fotografia seria um decalque do real, uma evidência do que existiu. Barthes (1984, p. 128-129) já colocava que a fotografia “não inventa; é a própria autenticação”; fotografia esta, ainda segundo o autor, que não poderia ser aprofundada, mas apenas varrida com o olhar, dada sua força de evidência. Poderíamos acrescentar que esses “objetos” possuem características estáveis e facilmente apreensíveis, regularidades que permitem circunscrevê-los em domínios de sentido quase-estancos. Sendo assim, desprovidos de contradições e portadores de uma linguagem (pictórica) que preza pelo esperado sentido literal e verdadeiro, esses textos não ofereceriam nada além de uma explicação tautológica: o que vejo é o que vejo e nada mais (DIDI-HUBERMAN, 2010).

Todavia, a adesão a tal argumentação induz facilmente ao engodo do efeito de transparência, que dissimula as diferentes perspectivas passíveis de coexistir, assim como as condições de produção que constituem qualquer texto. E uma imagem é também um texto, é também linguagem, é também sócio-histórico-culturalmente determinada. Logo, o registro imagético merece ser pensado não como um recurso para a compreensão do que se escreve ou se diz, mas como *um texto em si*, passível de ser lido e interpretado em sua singularidade. Nos termos de Derrida (2012, p. 29), “a expansão do conceito de texto é estrategicamente decisiva aqui. Portanto, as obras mais esmagadoramente silenciosas não podem evitar ser tomadas dentro de uma rede de diferenças e referências que lhes dá uma estrutura textual”. Desse modo, a imagem deixa de possuir o simples caráter de ilustração e passa a ser vista como um espaço de análise das relações de sentido que ocorrem, sempre, na e pela linguagem, nos e entre os discursos. Dito diferentemente, o propósito de se problematizar imagens, que podem ser tanto fotografias, desenhos, quanto a construção linguístico-discursiva de uma imagem de si e/ou do outro, não é o de comparar, sem conflitos, exemplares de materialidades diferentes, tampouco o de esclarecê-los uns à luz dos outros, mas o de submetê-los à opacidade, à não transparência da linguagem.

Se, no campo discursivo, questionamos frequentemente esse efeito de evidência e de transparência, por que tendemos, ainda, a escamotear, sobretudo no âmbito didático-pedagógico, a opacidade das imagens? Entendemos que os efeitos de sentido que estas produzem se dão em uma relação de interdependência entre o olhar do espectador para o registro imagético e sua inserção em uma língua-cultura. Portanto, tais efeitos podem ser compreendidos discursivamente, atrelados às condições de produção da imagem, mas também à constituição subjetiva daquele que as interpreta, uma vez que, como colocam Ribeiro e Sargentini (2015, p. 172), “a imagem também é lugar de materialização de sentidos constituídos na relação entre sujeito, linguagem e história e, por isso, lugar primordial da produção, constituição e circulação de discursos”.

No que concerne à suposta transparência de uma imagem, esses aspectos intervêm no momento em que a problematizamos, o que nos leva a sustentar, em consonância com Foucault (2009, p. 26), que “assim que a questionamos, ela perde sua evidência; não se indica a si mesma, só se constrói a partir de um campo complexo de discursos”; afirmação que pode ser colocada em diálogo e reforçada pelos termos de Derrida (2012), para quem

essas obras silenciosas já são de fato faladeiras, cheias de discursos virtuais, e desse ponto de vista, a obra silenciosa torna-se um discurso ainda mais autoritário – ela se torna o lugar mesmo de uma palavra que é tanto mais poderosa porque é silenciosa, e que carrega em si, como um aforismo, uma virtualidade discursiva (DERRIDA, 2012, p. 27).

Ao entendermos que as imagens potencializam um campo complexo de discursos, que nela se configuram como virtualidade, podemos compreendê-las, também, como produtoras de redes de lugares nas quais podemos nos inscrever, tomar posições enquanto sujeitos, visto que, de acordo com a concepção foucaultiana, o discurso “é um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos” (FOUCAULT, 2009, p. 61). Tal leitura se apoia, igualmente, na reflexão de Didi-Huberman (2010, p. 247), para quem “as imagens – as coisas visuais – são sempre já lugares: elas só aparecem como paradoxos em ato nos quais as coordenadas espaciais se rompem, se *abrem* a nós e acabam por se abrir em nós, para nos abrir e com isso nos incorporar”. Assim, atuando como lugar potencial de inscrição subjetiva, o campo imagético extrapola o domínio puramente linguístico, fazendo com que sua leitura/interpretação mobilize um olhar diferenciado daquele que lançamos, corriqueiramente, à linguagem verbal. Logo, como nos constituímos sujeitos da linguagem também por meio de

imagens – ponto sobre o qual insiste a reflexão lacaniana acerca do estágio do espelho (LACAN, 1998a) –, devemos saber como lê-las e como aprender sobre nós mesmos e sobre o outro com seu auxílio.

Já é conhecida a referência ao fato de que as fotografias carregam memórias, constituem a história, fazem-nos lembrar de quem somos. Essas imagens costumam ser guardadas e (re)lidas como partes, mas também podem ser interpretadas como restos, rastros, vestígios de nós mesmos, de nossa história, que, ao mesmo tempo, perpetuam e desestabilizam nossa unidade/identidade ilusória, como bem ilustra o filme “Uma simples formalidade” (1994), de Giuseppe Tornatore, ou como bem explica Derrida (2012, p. 120): “são partes de mim, ao mesmo tempo porque são pedaços de mim [...] quando se diz ‘uma parte de mim’, isso quer dizer que essa parte é só uma parte, que há um despedaçamento”. É por essa relação com a memória e com a construção ficcional de si mesmo com o outro (e como outro), para cujo olhar também se olha, que atrelamos a imagem, em concordância com a teoria psicanalítica lacaniana (2009), ao registro Imaginário, enquanto conjunto de representações compartilhadas; âmbito este que não se sustenta sem sua relação com o Simbólico, como campo da linguagem, das leis, normas e convenções sociais, e com o Real, o que excede nossa compreensão ou nossa capacidade de simbolização. O Real, na teoria psicanalítica, costuma vir atrelado ao corpo.

Olhar para imagens do corpo – e, mais precisamente, do corpo do estrangeiro –, portanto, consiste em uma tentativa de inserir a compreensão e a produção do tecido verbo-imagético no momento histórico-social em que vivemos, visando a provocar deslocamentos no imaginário que o (e que nos) constitui. Para esse propósito, é importante que sejam constantemente questionados os sentidos social e historicamente instaurados a respeito de quem são os (e de como nos tornamos) estrangeiros, que traços os caracterizam (ou nos caracterizam) como tal. Ao analisarmos a tessitura verbo-imagética apresentada a seguir, consideramos que, para além da leitura vista como tentativa de compreensão e de instauração de sentidos unívocos, transparentes ou imutáveis, a possibilidade de interpretação e de ressignificação de um texto (e de si) depende do esforço de experimentar a linguagem em suas bordas, suas fronteiras; tentativa que incide mais sobre a potencialização das diferenças do que sobre a perpetuação do mesmo. Problematizar, desse modo, as imagens e sua leitura em diferentes condições de produção implica *fazer-nos estrangeiros* aos discursos e sentidos já-dados, na medida em que é preciso vê-los e ouvi-los além ou aquém das evidências.

Tais considerações são basilares não apenas para disciplinas que se voltam para a questão do sentido e de seus efeitos, como é o caso dos estudos discursivos, mas também para o “leitor comum”, instado, na injunção a ler, a reafirmar ou a questionar sentidos supostamente evidentes. Nessa perspectiva, compreender que não há *o* sentido e que não há *a* verdade, auxilia-nos a entender e a lidar melhor com os efeitos de verdade produzidos por diferentes textos e em diferentes discursos, de acordo com diversas injunções a significar. Entender a efemeridade dessa verdade contribui para que qualquer imagem possa ser questionada e, conseqüentemente, desconstruída, ou seja, compreendida como uma construção e em sua estrutura mesma de construção (DERRIDA, 2001). Logo, podemos dizer que problematizar imagens, a partir do que considera Derrida (2001), é buscar compreender que estas possuem uma história, sendo necessário, portanto, que nos interroguemos sobre essa história e seu funcionamento. Entendemos, desse modo, que é a partir da formulação de indagações que se pode adentrar no que se mostra, se diz ou se cala nos diferentes discursos. Trata-se de praticar o que Foucault (2009, p. 30) defende ao colocar a questão que nos serve de parâmetro: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” ou, nos termos de Barthes (1984, p. 16), “por que escolher (fotografar [ou ilustrar]) tal objeto, tal instante, em vez de tal outro?”. Quais são os fios de história ou que efeitos de arquivo possibilitam a uma imagem, dentre tantas outras, captar olhares, disseminar-se e perdurar no e para além do espaço-tempo atual? Perguntamo-nos.

3. Um olhar para a tessitura verbo-imagética

Selecionamos, para dar continuidade a esta reflexão, uma fotografia amplamente difundida pelas mídias sociais e digitais, bem como três charges que a retomam, cujos componentes imagético e verbal (este, em língua francesa) incidem sobre os movimentos migratórios na Europa nos últimos anos – principalmente, ao longo de 2015 –, os quais têm sido vistos como a pior crise de migração desde a Segunda Guerra Mundial. Não exploraremos aqui os efeitos de sentido produzidos pela disseminação midiática, pois tal análise do meio demandaria mais espaço e tempo. Tampouco tomaremos como foco as características que permitem identificar um texto verbo-imagético como charge. Apenas salientamos que o modo de funcionamento de textos dessa ordem, ou seja, o modo como os interpretamos, que é sócio-historicamente determinado, ancora-se na ironia – efeito do não-dito que se manifesta pela incompletude e pela contradição do dizer – produzindo uma sátira – que não se limita ao

cômico, à chacota, mas se estende a uma crítica social, cultural e historicamente situada. Que o humor é crítico e que é cultural (POSSENTI, 1998) já o sabemos e não nos estenderemos mais nesta questão, uma vez que, para além dessa generalização, buscaremos compreender como as charges, atreladas a sua imagem de referência, permitem-nos refletir sobre o modo como (nos) lemos¹.

Das charges em foco, assim como da imagem de referência (Figura 1, a seguir), decorreu uma ampla gama de escritos explicativos (estes, em sua maioria, de seus próprios autores), crítico-analíticos em diversos tons, *contracharges* etc., veiculados em diferentes meios. A tessitura causou polêmica, dividiu opiniões e alimentou discussões, notadamente nas mídias sociais, em grande parte, por ser lida como resultado de uma intenção originária (a do autor ou a do jornal) a ser interpretada como aceita ou combatida; mas, sobretudo, por fazer emergir um conjunto de representações socialmente construídas, neste caso, acerca do migrante contemporaneamente.

Figura 1²



No dia 03 de setembro de 2015, uma imagem começa a percorrer o mundo, retomada em múltiplos e distintos meios de comunicação, expandida em vídeo, fixada na memória e na história como marca de um acontecimento, como símbolo da inércia de uma união de nações, como ícone da trágica trajetória dos refugiados no continente europeu (mas não apenas). A

¹ A autora agradece aos colegas Jocenilson Ribeiro e Rafael Vargas pelas contribuições que trouxeram a esta discussão.

² Disponível em: <http://www.independent.co.uk/news/world/europe/aylan-kurdi-s-story-how-a-small-syrian-child-came-to-be-washed-up-on-a-beach-in-turkey-10484588.html>. Acesso em: 23 fev 2016.

fotografia, sabe-se posteriormente, é de Aylan Kurdi, menino sírio de três anos de idade, morto afogado, assim como outros refugiados anônimos, dentre os quais sua mãe e irmão, em uma tentativa frustrada de travessia do Mediterrâneo em direção à Europa. No alto da foto, na margem oposta às personagens, podemos identificar pedaços de plástico, restos do naufrágio ou lixo esquecido, depositados pela água sobre a areia. Em pé, de costas ao espectador, um agente de segurança parece tomar nota, contabilizar mais um número. No chão, analogamente ao lixo esquecido ou ali depositado, ao alcance das mãos, o pequeno corpo estendido, rosto na areia, sendo açoitado pelas ondas.

A imagem nos choca, nos punge, porque nos confronta com o que excede e faz furo em nossa realidade, com o que irrompe como indizível, irrepresentável: o Real, que é o corpo, que é a morte, que é a conjunção de ambos. O outro, o corpo do outro, infante (o que não fala), silencia-nos em nossa própria língua, à primeira vista, para, em seguida, possibilitar que falemos dele. Nesse excesso, nessa exposição do corpo pela imagem, contudo, o que temos é também uma perspectiva, um recorte, “o que se nos apresenta como real não passa de interpretação ou representação” (CORACINI, 2005, p. 27), não deixa de ser, portanto, Imaginário. Ficamos comovidos também, e principalmente, porque a imagem se inscreve, encontra eco, em uma “cultura visual”, em nossa “memória visual”, como mais um drama que compõe a narrativa de nossa história, da história de nossa época (COURTINE, 2013, p. 43). O texto imagético inscreve-se, assim, no Simbólico, ao mesmo tempo, como novo e repetível.

Sabemos que, de todas as imagens que abordam o fluxo migratório, dentre os tantos registros que o fotojornalismo produz diariamente, apenas algumas permanecem, permanecerão e, se persistem, é porque nosso modo de arquivamento, que é seleção e leitura, assim o determina. Algumas imagens marcam uma época, porque apontam para o modo de ler daquele momento. Em outros termos, os de Barthes (1984, p. 36), referindo-se ao dizer de Sartre, “as fotos de um jornal podem muito bem ‘nada dizer-me’, o que quer dizer que eu as olho sem pô-las em posição de existência”, produzem um interesse geral, polido e vago, caracterizando, ainda segundo Barthes, a noção de *studium*. Dito diferentemente ainda, nesse fluxo, produz-se o mesmo, o repetível, os sentidos aos quais vamos nos habituando e que se apresentam dispersos – nas tantas imagens de (i)migrantes em cenários hostis, alojados de forma precária, em travessia, em trânsito, de crianças em situação de risco ou mesmo mortas. Porém, a imagem supramencionada (Figura 1) instaura um ponto de basta, pois surge como algo da ordem do singular, um acontecimento que “afeta e transforma as singularidades de todo tipo”

(DERRIDA, 2004, p. 80). O que se passa a difundir, por algum tempo e em diferentes suportes, é a mesma fotografia, não fotografias diversas que produziriam os mesmos efeitos de sentido (ou efeitos semelhantes).

Tal como o *punctum*, acentuado na reflexão de Barthes (1984), essa imagem lança em nós o desejo de ver para além do que dá a ver, constrói um campo cego, ou seja, um cenário que excede a tela: quem era o menino? Qual seria sua curta história? Como vivia? E, se tivesse crescido, como seria seu futuro? Mas, o *punctum* não é a imagem inteira, não é a foto em si, não é senão um ponto, o acaso que fere, que mortifica, que punge. Na Figura em questão, esse ponto é o corpo infantil, nele, o rosto e, do rosto, o olhar que não alcançamos.

A imagem, carregada de discursos, não nos olha – pelo contrário, vira-nos as costas (a nós, espectadores ocidentais, eurocêntricos) –, mas convoca nosso olhar para o corpo infantil, corpo que, mesmo imóvel, não nos é indiferente. Nessa perspectiva, a fotografia pode ser lida como uma metáfora, em termos lacanianos³, pois “agrupa” a dispersão, condensando, em um ponto (um único ser humano, um único naufrágio, uma única morte), várias imagens e eventos anteriores, que podem ser rememorados, ressignificados; a partir dela, outros sentidos e novos dizeres se produzem. Entretanto, também a partir dela, novamente uma metonimização⁴ se instaura, como podemos ler na cadeia constituída pelas charges produzidas posteriormente (traduzidas em diferentes línguas) e veiculadas em diferentes meios, mas que recuperam, como uma forma de citação, como um lugar de constante retorno e de rememoração, a mesma imagem.

Vejamos, ainda que brevemente, como se dá esse retorno do/ao corpo – “*spectrum* da fotografia”, se quisermos remontar aos termos barthesianos, ao mesmo tempo, como espectro que retorna e espetáculo produzido para ser olhado, pois, de fato, como negar que seja de uma espetacularização da morte que se trate? –, bem como alguns dos efeitos de sentido passíveis de serem produzidos a partir (da leitura) das charges:

³ Sobre as noções de metáfora e metonímia, conferir Lacan (1998b).

⁴ A respeito da expressão “metonimização das imagens”, conferir Lagazzi (2010).

Charge 1⁵

Tão perto do objetivo... grafa-se no céu azul, entrecortado por uma publicidade, ícone ocidental, que representa, no apelo ao paladar (*Promoção! 2 menus infantis pelo preço de um*), a promessa do outro, de sua língua, do sabor e do desejo de ser (como) o outro. A linha do horizonte divide o quadro, entre o colorido e o que se descoloriu, entre a expectativa e o real(izado), entre o que continua sendo promessa e o que já não é, pois, se a criança, o corpo infantil, em nossa cultura, envolve uma promessa, uma esperança de futuro, na imagem em questão, ela é visivelmente interrompida, descolorida.

No *outdoor*, um personagem de braços/mãos abertos(as) em suposta acolhida sugere uma hospitalidade prometida, a qual o pequeno refugiado (e, como ele, centenas de outros) não mais vê. Esse personagem, vale lembrar, um palhaço, não é senão máscara, ilusão, portanto. Funcionando de ricochete, o dizer do quadro sinaliza a lógica perversa e amarga que a máscara alegre dissimula: o “menu enfant”, o que não fala, mas se apresenta ao olhar, é a própria criança-cadáver e, sendo assim, o que vemos (o preço que pagamos) é apenas uma parte, a metade; há, no que vemos, no que nos custa suportar com o olhar, o dobro. Em outros termos, a imagem de referência, retomada pela charge, sustenta a afirmação de que estamos pagando barato com nossa comoção, com nosso pesar, com nosso choque; afinal, não estamos no lugar do outro, não somos e não nos fazemos estrangeiros; aquele corpo, que somos levados a ler como o que poderia ser nosso⁶ – filho, irmão, neto – não nos pertence, porque, em grande parte, não fazemos nada para que isso aconteça.

⁵ Disponível em: http://www.lexpress.fr/actualite/medias/les-anti-charlie-hebdo-s-offusquent-des-caricatures-du-petit-aylan_1715968.html. Acesso em: 23 fev. 2016.

⁶ Para Sontag (2004, p. 172), “temos numa foto uma posse vicária de uma pessoa ou de uma coisa querida, uma posse que dá às fotos um pouco do caráter próprio dos objetos únicos”.

Não é preciso lembrar que não se trata, aqui, de defender que essa é a intenção visada pelo autor da charge, pois os efeitos de sentido que esta mobiliza decorrem da relação com o interdiscurso, com uma memória de dizeres, e não com o querer-dizer de seu suposto autor. Além disso, não é o quadro em si que carrega um ou mais sentidos, mas, segundo Eckert-Hoff (2005, p. 197), “é a incompletude do dizer que permite [como nesse caso] o movimento irônico no processo de significação não-verbal”. Assim, se desconsiderássemos todos os elementos que constituem as condições de produção da tessitura em análise – as questões ideológicas, culturais, étnico-raciais que traz à tona, ou a remessa à memória e à história que realiza, a forma como ironiza os discursos no momento atual, pelo funcionamento ancorado em símbolos culturais (símbolos da efemeridade, da pressa e da falta de tempo para si mesmo ou para os outros, como (d)enuncia a propaganda do *fast-food*) –, seríamos autorizados a tomar a charge como apenas jocosa, como uma simples “piada de mau gosto” (nada há, na charge em si, que impeça tal interpretação). São esses aspectos, contudo, que nos permitem explorar a leitura – aqui, das charges, mas podemos estendê-la a qualquer texto – para além do evidente. Não se trata de “ler nas entrelinhas”, mas de compreender que todo texto, como fragmento de uma rede de discursos, confronta-nos, inevitavelmente, com os discursos que textualiza.

Abordar a problemática do corpo nesses textos possibilita que sejam tangenciadas questões identitárias e subjetivas, constituídas no/pelo imaginário sobre o outro, com o qual podemos nos (des)identificar. No caso da imagem de referência, a comoção advém da leitura do corpo infantil, ainda que estrangeiro, como um semelhante, fruto de uma identificação especular, pois a criança indefesa poderia ser um de nós, um de nossos filhos (como raramente têm sido vistos os estrangeiros adultos migrantes, por exemplo). Essa identificação também pode se dar quando o desamparo do corpo infantil sob a publicidade, na charge 1, remete-nos ao “desamparo que marca a ferro e fogo a subjetividade na atualidade” (BIRMAN, 2000, p. 99), submetida, também, a esse e a outros imperativos contemporâneos. Ler o corpo em imagens permite, ainda, refletirmos sobre as relações de pertencimento e de embate entre corpo e espaço, entre indivíduo e sociedade-cultura, se entendermos, segundo Didi-Huberman (2010, p. 246), que “*portamos* o espaço diretamente na carne”. Na charge 1, em questão, outros sentidos se instauram a partir da relação que comumente fazemos – e interpretamos como alegre, divertida – entre praia (espaço) e criança, entre criança e redes de *fast-food* (símbolos socioculturais), pois há algo que faz falhar essa associação, fere e desestabiliza os sentidos já assentados em nosso imaginário.

Ainda que de forma apenas sugestiva, o anúncio publicitário estampado no fundo azul da charge evoca, supostamente para o pequeno migrante, mas, sobretudo, para nós, leitores, a divisão entre dois mundos e a (im)possibilidade de acesso a uma vida diferente, a uma cultura vista como melhor, a uma civilização entendida como pacífica ou mais desenvolvida, reflexo contemporâneo de outra grande narrativa que ancora simbolicamente nossas sociedades: a religião. A imagem do céu azul distante, além da linha do horizonte, também funciona no quadro como promessa de outra vida, aquela reiterada pelo discurso religioso, notadamente cristão.

Para o pequeno corpo, sendo consumido pelas ondas e não mais consumidor potencial de uma cultura ideal(izada), no entanto, essa promessa parece não se cumprir. Na charge 2, a seguir, que pode ser lida como uma crítica marcada às religiões cristãs, o corpo infantil é retomado pela metade, despedaçado.



Não é necessário afirmar que o tronco e o rosto do personagem não estão submersos, uma vez que eles não existem, não foram desenhados. Porém, somos instados a lê-los – pois nossa cultura visual assim determina que leiamos imagens – como se fizessem parte do quadro. Nossa interpretação, a partir da relação com outros textos e de nossa memória visual, preenche essa lacuna⁸, afirmando-nos que parte do corpo não estaria visível, estaria oculta pela água. Nessa interpretação, o corpo se faz presente enquanto espectro, produzindo um campo cego, fora da tela, determinante para os sentidos que produzimos ao ler a imagem.

⁷ Disponível em: http://www.lexpress.fr/actualite/medias/les-anti-charlie-hebdo-s-offusquent-des-caricatures-du-petit-aylan_1715968.html. Acesso em: 23 fev. 2016.

⁸ Esse processo também ocorre ao lermos outras tessituras, como os textos escritos e orais, por exemplo.

Compõem a charge 2, novamente, dois personagens: do menino, cujo corpo lemos em movimento, em processo de imersão (efeito produzido pelos traços e círculos que sugerem ondulações e bolhas), vemos apenas os pés e pernas. Tal como a constituição identitária do espectador, é também fragmentária a imagem que se olha, pois se reconhecem apenas pedaços, a completude nos escapa. Ao lado e de frente para o leitor está a imagem de quem, aparentemente, seria Jesus Cristo, também de braços abertos, como o personagem publicitário da charge 1. Porém, tal gesto, diferentemente de um aceno ou acolhida, sugere tanto uma escusa – “desculpem, nada posso fazer” –, quanto uma demonstração – “vejam, eu posso andar sobre as águas”, gesto de quem está em uma posição de poder, reforçado pelos dizeres, no alto do quadro – *A prova de que a Europa é cristã* –, e nas setas – *Os cristãos caminham sobre as águas e As crianças muçulmanas afundam*.

A charge em questão remonta ao discurso cristão-católico, por meio da intertextualidade com o texto bíblico, seja na passagem em que Cristo anda sobre as águas, seja naquela em que pede que as crianças dele se aproximem. Na primeira, mais do que caminhar sobre o mar, Jesus salva um de seus discípulos do afogamento⁹, *estendendo-lhe a mão*. Na segunda, assegura que o reino dos céus está reservado aos que forem *semelhantes às crianças*¹⁰. Ora, na charge, os braços abertos do personagem não parecem querer salvar, tampouco aproximar. Pelo contrário, a Europa cristã, que nada mais é do que os cristãos europeus, é representada pela imagem de um Cristo que se abstém, que se desresponsabiliza, cujo gesto apenas aparentemente indicia acolhida. Esse gesto dúbio de abrir os braços acentua um sinal de *hostipitalidade* direcionado ao outro, ao estrangeiro. Nas palavras de Coracini (2010),

ao migrante, seria oferecida a “hostipitalidade”, neologismo derrideano, que une, sem unir, hospitalidade e hostilidade: ao mesmo tempo que se acolhe, se hostiliza o diferente, o estranho, o estrangeiro que traz consigo diferenças perturbadoras da ordem dos discursos vigentes na sociedade que acolhe sem acolher, que protege sem proteger (CORACINI, 2010, p. 98).

Se a imagem dos cristãos é unificada e sintetizada na figura do cristo católico, os migrantes/refugiados, por sua vez, são representados pela criança chamada de muçulmana, em

⁹ “Disse Pedro: Se és tu, Senhor, ordena que eu vá por cima das águas até onde estás. Ele disse: Vem. E Pedro, saindo da barca, andou sobre as águas e foi para Jesus. Quando, porém, sentiu o vento, teve medo e, começando a submergir-se, gritou: Salva-me, Senhor! No mesmo instante Jesus, estendendo a mão, segurou-o e disse-lhe: Por que duvidaste, homem de pouca fé? ” (BÍBLIA, Evangelho segundo Mateus, 14: 28-33).

¹⁰ Mas Jesus lhes ordenou: “Deixai vir a mim as crianças, não as impeçais, pois o Reino dos céus pertence aos que se tornam semelhantes a elas” (BÍBLIA, Evangelho segundo Mateus, 19: 14).

uma relação que escancara a dualidade hierárquica que estrutura o pensamento ocidental, eurocêntrico, logocêntrico: adulto *versus* criança, todo *versus* parte, cristão *versus* muçulmano. Mais ainda, tal relação relê e ressignifica, no plano terreno, a verticalização, a assimetria e a separação entre dois mundos – o divino/celeste e o humano/terreno – tal como instaurada pelo cristianismo. Logo, se considerarmos que o registro imagético não é a simples ilustração do verbal e que o texto escrito, embora disposto em balões em forma de setas que apontam para cada figura, também não é a simples descrição do que há no quadro (visto que evoca sentidos outros, para além da ilustração), podemos ler, na charge em questão, dois textos em simbiose: o imagético, no singular – ao ilustrar uma única criança e um único cristo/cristão –, e o verbal/escrito, no plural – *Os cristãos caminham sobre as águas* e *As crianças muçulmanas afundam*. Sem a relação simbiótica entre ambos, não leríamos o efeito de generalização que se produz tanto acerca dos cristãos quanto dos não cristãos. Podemos afirmar, conseqüentemente, com base no estudo de Baronas (2009), que a charge em análise coloca em causa não apenas os acontecimentos históricos mais imediatos aos quais faz alusão direta, mas todo um imaginário social.

Nessa relação interdiscursiva, inevitavelmente, presentifica-se a representação de um continente adulto, maduro, que se reergueu de duas grandes guerras e que sofreu, tal como o próprio Cristo, o sacrifício e a morte. Essas impressões, que ancoram um não-dito prenhe de sentidos historicamente construídos e solidificados, constituem marcas que inscrevem os (e se inscrevem nos) sujeitos falantes de/em uma língua-cultura eurocêntrica. É em relação a essa memória, a esse arquivo, que a charge se estrutura e, como efeito de sentido, produz-se a ironia, a sátira. Se encaminharmos a leitura na direção desse efeito, trata-se menos de um ultraje, de um atentado à memória do morto (e dos mortos), do que de uma denúncia desse abnegar-se velado e individualista, travestido de cristão. Embora a imagem do morto (e da morte) não deixe de ser reavivada, espetacularizada, as próprias charges 1 e 2 podem ser lidas como uma crítica voltada para nossa “lealdade às imagens” (SONTAG, 2004), não apenas aquelas que produzimos e consumimos exacerbadamente nos dias atuais, mas também aquelas que estruturam e, em grande parte, explicam nossa cultura e nossa constituição subjetiva.

Assim como as charges anteriores, a charge 3, a seguir, retoma – no alto e à esquerda, dentro de um círculo que se assemelha ao *zoom* de uma lupa ou ao próprio obturador da câmera – a imagem síntese e símbolo da tragédia que acompanha a migração. Tal charge explora, entretanto, a construção de outras imagens do migrante-refugiado-estrangeiro.

Charge 3¹¹

Migrantes / O que teria se tornado o pequeno Aylan se tivesse crescido? A questão que acompanha a pequena imagem em foco no alto do quadro possui enunciador indefinido e parece explorar o campo cego da imagem de referência (Figura 1), o fora da tela, o *e se?* que introduz uma hipótese, a qual não poderá ser confirmada. A resposta dada à pergunta inicial é a imagem de dois homens com traços animais, mãos estendidas, em perseguição a duas mulheres. O movimento de perseguição no quadro é dado pela posição dos corpos dos personagens, em uma linha de fuga que sugere a existência de outros, não enquadrados na charge. À primeira vista, a figura apresenta-se legendada – *Apalpador de bundas na Alemanha* – e ambos os enunciados, o imagético e o verbal, parecem se sobrepôr, reafirmando-se mutuamente, com exceção da localização espacial (na Alemanha), presente como informação extra no verbal.

A localização, como se pode imaginar, não é vã. A Alemanha foi o país que mais recebeu refugiados sírios¹², mas não se trata apenas disso. Datado de alguns meses depois da imagem de referência e das charges precedentes, janeiro de 2016, o texto em questão, que apela à memória visual e discursiva dos espectadores, vem à tona em relação a outros eventos, a saber, os casos de assédio sexual registrados depois das festas de Ano Novo em Colônia, na Alemanha. Dentre os suspeitos detidos e interrogados, muitos migrantes.

Nosso olhar para a imagem evoca a representação fixa do estrangeiro não apenas como corpo estranho, mas como o que atenta à integridade de outros corpos. O corpo morto de um

¹¹ Disponível em: http://www.lepoint.fr/societe/charlie-hebdo-riss-imagine-le-petit-aylan-en-tripoteur-de-fesses-13-01-2016-2009640_23.php. Acesso em: 23 fev. 2016.

¹² Até o segundo trimestre de 2015, foram 65.075 solicitações de refúgio concedidas, segundo dados disponíveis em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150904_brasil_refugiados_sirios_comparacao_internacional_1_gb. Acesso em: 23 fev. 2016.

pequeno indivíduo, se assim não estivesse, seria um perigo para o corpo social. É o que, provavelmente, muitos afirmam, de modo que a charge apenas atualiza dizeres em circulação, os quais, nos termos de Baronas (2009, p. 174), são “da ordem de um saber discursivo, um já-dito: discursos que circulam no cotidiano”. O texto, assim, converte em imagem, dá voz ao imaginário construído sobre o migrante; imaginário que se consolida, no dizer de Coracini (2009), porque

o hóspede que se delonga acaba alterando os costumes, desrespeitando as regras, as leis em vigor, contaminando a língua e a cultura... Tudo isso, como seria de esperar, gera, nos imigrantes, bem como nos hospedeiros, resistências e conflitos identitários, cujo sintoma se traduz numa espécie de mal-estar linguístico-cultural (CORACINI, 2009, p. 480).

Ora, mais do que uma forma de colocar em imagem e fazer falar o que está latente ou que é dito cotidianamente, a charge pode ser tomada como o que desdobra esse imaginário, explorando os conflitos que dele decorrem. Como efeito, produz-se o questionamento das contradições constitutivas de nossa cultura que, ao mesmo tempo em que reforça que se deve chorar por uma inofensiva criança migrante, solidifica clichês, generaliza a imagem do estrangeiro como ser invasivo, ofensivo, corpo que contamina, que perturba a ordem, que não se porta como um bom hóspede. Não se trata, contudo, do lugar-comum acerca de qualquer estrangeiro, pois, tanto na charge 2 quanto na charge 3 é a categoria estereotipada de “muçulmano” que vem à tona. Na primeira, muçulmana é a criança, mas também é uma designação que engloba os migrantes estrangeiros não cristãos. Na segunda, latente na ilustração, refere-se ao imaginário acerca dos “árabes-muçulmanos”, aos quais se atribui, dentre tantas imagens fixas – como a de terroristas, por exemplo –, a acusação de praticarem atos de violência contra as mulheres. Assim, recorrendo aos termos de Baronas (2009), podemos dizer que

Essa charge é também determinada por outro tipo de relação interdiscursiva, que não apenas aquela que possibilita reinterpretar, de modo perspicaz e irreverente, os inúmeros discursos que nos rodeiam e/ou os acontecimentos históricos. Trata-se da retomada de uma interdiscursividade cultural (BARONAS, 2009, p. 177).

É essa interdiscursividade, a qual aponta para os conflitos culturais e linguísticos, que permite (d)enunciar o amálgama entre migração e criminalidade; a relação de causa e

consequência entre migração e mazelas sociais, corporificadas no corpo estranho do estrangeiro.

Poderíamos nos limitar a afirmar que a charge em foco, assim como as anteriores, causou polêmica por ser um recorte do corpo do periódico (que reivindica ser lido como satírico, laico, político e alegre¹³), que, enquanto tal, circulou “descontextualizado” nas mídias sociais e digitais. A polêmica teria decorrido do fato de os textos em questão não serem lidos para além de uma tentativa de apreender a intenção (Racista? Xenófoba? Crítica?) de seu autor ou do veículo de divulgação – concepção de leitura que tem sido questionada (CORACINI, 2005; MASCIA, 2005; GRIGOLETTO, 2003, dentre outros), mas que continua solidificada em nossa forma de ler. De fato, podemos concordar com tal afirmação, mas ela explica apenas em parte os efeitos de sentido produzidos e ainda passíveis de se produzir. A polêmica, a ironia, os contrassensos indiciam que todo processo de produção de sentidos se dá em um corpo a corpo, em um embate nas e entre as línguas-culturas, pois nós, leitores, “não vemos ou não lemos o que queremos (de forma independente) a qualquer momento e em qualquer lugar” (CORACINI, 2005, p. 27); indiciam, ainda, que todo texto se abre a interpretações heterogêneas e que a tessitura verbo-imagética, aqui analisada em particular, potencializa discursos e convoca sujeitos, inseridos em diferentes formações discursivas, a nela se inscreverem, acrescentando ao texto/tecido novos fios, os fios de suas leituras.

4. Imaginar o ensino: ponto de chegada, ponto de partida

O olhar analítico-conceitual que visa a contemplar as imagens enquanto textos, materialidade sujeita à interpretação, contribui para pensarmos em um ensino que não anule os diversos efeitos de sentido que tais textos podem produzir, tampouco a existência e a importância de diferentes línguas-culturas e formas de leitura na sociedade atual. Embora tenhamos abordado textos cujo registro escrito encontra-se em língua estrangeira, no cenário brasileiro, não podemos nos esquecer do valor que o campo visual assume nas diversas instâncias do letramento: pensemos na aprendizagem na vida de estudantes surdos, não só na relação com a língua portuguesa, mas também com outras línguas verbalizadas; consideremos, ainda, que, em muitas línguas indígenas, a imagem possui um papel preponderante e não coadjuvante, como costumamos lhe atribuir. Porém, imagens não são apenas visuais, mas

¹³ Um jornal que ri de “tudo o que é grotesco na vida”, como define a rubrica Charlie, disponível em: <https://charliehebdo.fr/charlie/>. Acesso em 23 fev. 2016.

também verbais, quando lembramos ou quando produzimos representações sobre algo ou alguém, a partir do que ouvimos falar, por exemplo. Por isso, afirmamos que o campo imagético possui uma dimensão que comporta e que, ao mesmo tempo, extrapola o linguístico, o pictórico, o visual; dimensão que merece ser explorada em relação à cultura e à história (enquanto jogo de forças) nas quais nos inserimos ou esperamos nos inserir.

Trata-se de compreender as imagens, como procuramos fazer ao longo deste percurso, como pertencentes não apenas ao domínio ilustrativo, pictórico, enquanto realidade visível, mas também, e principalmente, como lugar em que se atrelam Imaginário, Simbólico e Real; lugar de inserção na/da língua-cultura, de produção de efeitos de sentido – humor, ironia, revolta, comoção, adesão – e de inscrição subjetiva. Toda imagem não é senão um cenário de sentidos em potencial, que atravessa e afeta (o corpo de) quem quer que seja atraído pelo olhar para dentro do quadro. Nenhuma palavra-imagem ou imagem-palavra é evidente em si. Pelo contrário, com base na discussão aqui desenvolvida, podemos afirmar que, apesar de aparentemente inquestionáveis e (auto)explicativas, as imagens, por se produzirem na relação com e entre discursos, são lacunares, fragmentárias e contraditórias, caracterizando-se como um desafio para a leitura nos estudos discursivos e como um campo a ser explorado no ensino de línguas-culturas; principalmente porque, nesse contexto, como apontam Ribeiro e Sargentini (2015, p. 183), ainda é rara a abordagem do “texto imagético como lugar de constituição e circulação de discursos, cujos sentidos não ocorrem em sua evidência, mas na relação histórica com outras imagens, mobilizadas pelos leitores em seu repertório de imagens na memória coletiva”.

No âmbito didático-pedagógico, os textos verbo-imagéticos – essa materialidade enigmática, porque demanda interpretação –, podem atuar como mecanismos que permitem a análise da opacidade da linguagem e dos discursos. E, como a própria noção de discurso já compreende em si a heterogeneidade, diversidade de vozes em enunciados supostamente unos, pensar em um ensino de línguas que considere o viés discursivo implica levar em consideração essa pluralidade de manifestações imagéticas/imaginárias: nos discursos oficiais, mas também nos textos midiáticos, nas ruas e nos próprios ambientes escolares. Dito diferentemente, trata-se de conceber o ensino-aprendizado de uma língua-cultura que vá além da repetição de formas linguísticas, além da reafirmação de um pertencimento possível à uma cultura/civilização ideal(izada). Inscrever-se em uma língua-cultura, falar-lhe e ser falado por ela implica também a possibilidade de compreender “os processos reais de luta e de dominação” (FOUCAULT,

2011) que se produzem, os efeitos de sentido que se instauram, histórica e culturalmente determinados. Se toda língua-cultura nos impregna de tal forma que nossos gestos e nosso olhar são por ela atravessados, resta-nos o esforço de assumir, como pesquisadores da linguagem, mas, sobretudo, como professores, o lugar/olhar incômodo do estrangeiro, a posição de quem questiona as evidências cotidianas, perturba a ordem e altera os costumes.

Referências

BARONAS, R. L. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: o político na charge. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 165-182, 2009.

BARTHES, R. **A câmara clara**. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 26. ed. revista e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997. 1279p.

BIRMAN, J. **Entre cuidado e saber de si**: sobre Foucault e a Psicanálise. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. 105p.

CORACINI, M. J. Concepções de leitura na (pós-)modernidade. In: LIMA, C. R. P. (Org.). **Leitura: múltiplos olhares**. Campinas: Mercado de Letras; São João da Boa Vista: UNIFEOB, 2005, p. 15-44.

_____. **A celebração do outro**: arquivo, memória e identidade. Campinas: Mercado de Letras, 2007. 247p.

_____. Língua e efeitos de estranhamento: modos de (vi)ver o outro. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 475-498, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982009000200006. Acesso em: 07 jun. 2015.

_____. Transdisciplinaridade e análise de discurso: migrantes em situação de rua. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 11 (1), p. 91-112, 2010. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/1181/844>. Acesso em: 07 jun. 2015.

COURTINE, J.-J. **Decifrar o corpo**: pensar com Foucault. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2013. 174p.

DERRIDA, J. **Papel-máquina**: a fita da máquina de escrever e outras respostas. Tradução de Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

_____. **Pensar em não ver**: escritos sobre as artes do visível (1974-2004). Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012, p. 18-61.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução de Paulo Neves. 2ª. Ed. São Paulo: Editora 34, 2010. 260p.

ECKERT-HOFF, B. M. Os Sem-Terra e o senso comum na política do dizer: o jogo (destrutivo) da ironia. In: LIMA, C. R. P. (Org.). **Leitura: múltiplos olhares**. Campinas: Mercado de Letras; São João da Boa Vista: UNIFEQB, 2005, p. 187-202.

_____. (Dis)sabores da língua ma(e)terna: os conflitos de um entre-lugar. In: ECKERT-HOFF, B. M.; CORACINI, M. J. (Orgs.). **Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira**. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 79-106.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 7ª. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001. 79p.

_____. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. 236p.

_____. Poder-corpo. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2010, p. 145-152.

_____. **Leçons sur la volonté de savoir**. Paris : Hautes Études, Gallimard, Seuil, 2011. 320p.

FREUD, S. O estranho. In: FREUD, S. **Obras completas**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Tradução de J. Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 85-125.

GLISSANT, E. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce Rocha. Juiz ed Fora: Editora UFJF, 2005. 174p.

GRIGOLETTO, M. A constituição do sentido em teorias de leitura e a perspectiva desconstrutivista. In: ARROJO, R. (Org.). **O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino**. 2ª. Ed. Campinas: Pontes, 2003, p. 93-98.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução de Maria Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 205p.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998a, p. 96-103.

_____. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998b, p. 496-533.

_____. **O seminário. Livro 18** – de um discurso que não fosse semblante. Ministrado em 1971. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 174p.

LAGAZZI, S. Linha de Passe: a materialidade significativa em análise. **Revista Rua**, Campinas, n. 16, v. 2, p. 172-183, nov. 2010.

MASCIA, M. A. A. Leitura: uma proposta discursivo-desconstrutivista. In: LIMA, C. R. P. (Org.). **Leitura: múltiplos olhares**. Campinas: Mercado de Letras; São João da Boa Vista: UNIFEQB, 2005, p. 45-58.

MOTA, I de O. Relações entre língua e cultura em quadrinhos de humor: análise discursiva sobre a abordagem do humor por livros didáticos de inglês. **Revista Eletrônica Igarapé**, n. 02, p. 181-202, Set. 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/viewFile/747/802>. Acesso em: 20 fev. 2016.

RIBEIRO, J.; SARGENTINI, V. Estudo histórico da imageria escolar em livros didáticos: discurso em torno das práticas de leitura da imagem. **REDIS: Revista de Estudos do Discurso**, n. 4, p. 169-199, 2015. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13905.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2016.

POSSENTI, S. **Os humores da língua**: análises linguísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

SONTAG, S. O mundo-imagem. In: SONTAG, S. **Sobre fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 167-196.

UMA simples formalidade. Direção: Giuseppe Tornatore. Produção: Mario e Vittorio Cecchi Gori. Roteiro: Giuseppe Tornatore, Pascal Quignard. Intérpretes: Gérard Depardieu, Roman Polanski e outros. [S.I.]: Cecchi Gori Group: Itália; França, 1994. 1 filme (108 min.), son., color., 35mm.

Artigo recebido em: 16.03.2016

Artigo aprovado em: 21.05.2016